



O IMPACTO DA GUERRA DA ÁGUA NOS MOVIMENTOS SOCIAIS DA BOLÍVIA¹

Gabriela dos Santos Alves²
Raquel Nascimento de Oliveira³

Resumo: Por décadas na cidade de Cochabamba na Bolívia a população por conta do posicionamento geográfico já propício para escassez de água sofria por conta de uma má distribuição de água deixando as pessoas já acostumadas em buscar soluções autonomamente, como irrigações comunitárias para melhorar a escassez. Em 2000 a população lutou e venceu a privatização da empresa que era responsável pelo abastecimento de água, a SEMAPA, o governo de Cochabamba aprovou lei que determinava a exploração da água sendo um direito privado. Com muita luta sangrenta e manifestações a população rural e da cidade com apoio e liderança da Coordenadora de Águas de Cochabamba, conseguiram revigorar essa nova lei, um fato nunca antes acontecido nos países da América Latina.

Palavras-chave: Guerra da Água; Cochabamba; Privatização; Movimento social na Bolívia; América do Sul.

INTRODUÇÃO

Desde a antiguidade a água é considerada um recurso fundamental para a manutenção da vida humana e, conseqüentemente, constituindo um fator de muitas tensões para as civilizações ao longo da história. No processo de desenvolvimento humano, a exploração da água possibilitou que muitas empresas obtivessem lucros – deixando parcelas da população em diversas regiões reféns da exploração comercial desse bem vital para a humanidade.

Nesse sentido, o presente artigo pretende contribuir com as discussões referentes a privatização dos recursos naturais com foco na privatização da água, tomando como exemplo a Guerra da Água ocorrida na cidade boliviana de Cochabamba, entre janeiro e novembro de 2000, e analisando sob o ponto de vista histórico o impacto que esse conflito teve na sociedade boliviana. Em função disso, será realizada uma pesquisa qualitativa de caráter bibliográfica e documental orientada pela teoria dos movimentos sociais. Foi realizada uma pesquisa nas áreas de Direitos Humanos, História, Ciência Política e das Relações Internacionais.

O argumento central desta pesquisa parte do pressuposto de que apesar da existência histórica de diferentes tensões sociais na região, a privatização das águas foi o fio condutor que

¹ Orientador: Prof. Dr. Adriano Pires de Almeida – Professor do curso de Relações Internacionais e coordenador do Grupo de Estudos da América Latina da PUC Goiás.

² Aluna de graduação do curso de Relações Internacionais da PUC Goiás e membro do Grupo de Estudos da América Latina da PUC Goiás

³ Aluna de graduação do curso de Relações Internacionais da PUC Goiás e membro do Grupo de Estudos da América Latina da PUC Goiás

tornou a cidade de Cochabamba uma referência em movimentos sociais na América do Sul. Foi feita uma pesquisa utilizando vídeos, dissertações de mestrados, teses de doutorados, artigos do *Le Monde Diplomatique* Brasil, livros e *sites* como A Folha de São Paulo e BBC. Desde modo, o trabalho busca compreender os motivos que levaram ao estabelecimento daquele conflito como a adoção do modelo econômico neoliberal que beneficiam as grandes empresas que exploram os recursos naturais e buscam dominá-lo para aumentar seus patrimônios.

O PREMATURO NEOLIBERALISMO NA BOLÍVIA

Para se entender a Guerra da Água, é preciso analisar a situação na qual a Bolívia se encontrava na governança de Hugo Banzer em 1997, de acordo com Camargo (2006), essa época correspondeu a um grande sentimento de descrença da população, que viam na implantação da política econômica neoliberal em 1895, única solução encontrada na época para a crise que vinha assolando a Bolívia, o grande fator da fragilidade econômica e uma estagnação como nunca antes vista. O país sofria de crises que se sucediam regularmente afetando a qualidade de vida da população e alimentando o sentimento de descontentamento.

De acordo com Pfrimer (2009), essa crise contribuiu para a intensificação da escassez de água em Cochabamba, cidade com clima semiárido já propenso a escassez, quando a falta de recursos financeiros prejudicou a infraestrutura, tanto a captação de água subterrânea e superficial foram dificultadas, além disso, o armazenamento que acontecia no verão, única estação onde ocorriam chuvas regulares, foi prejudicado por falta de recursos técnicos. A água encontrada no subterrâneo era suficiente para suprir as necessidades da população, mas o povo não tinha acesso a ela pela má distribuição da água.

A PRIVATIZAÇÃO E O AUMENTO DAS TAXAS DA ÁGUA

De acordo com Drumond (2015), o ano de 2000, Hugo Banzer assinou um documento para privatizar as águas de Cochabamba, dentre os motivos estava o Banco Monetário Internacional (FMI), que exigia a privatização da água para a quitação das dívidas da Bolívia,

frutos da crise, através de um consórcio estrangeiro com uma empresa norte Americana chamada Bechtel Holdings especializada em construção civil, o previsto era uma duração de 40 anos. A Guerra da Água ajudou a evidenciar os novos mecanismos de acumulação capitalista e sua capacidade destrutiva.

A empresa de captação e tratamento de água, antes feito pelo *Servicio municipal de agua potable y alcantarillado* SEMAPA passou a ser feito pela *Aguas de Tunari*. A situação da população de

Cochabamba piorou, a escassez era contínua, aliás, as taxas do uso da água aumentaram primeiramente em 35%, mas após inúmeras denúncias feitas pelos moradores que tiveram uma cobrança muito mais alta do que a normal, uma pesquisa mostrou aumento de até 200% no preço da água, o que fez a população se revoltar.

Drumond (2015) também fala que para lutar contra o grande aumento das taxas, a população começou a fazer protestos nas ruas e passeatas, além disso, foi criada uma organização chama *La coordinadora*, ou *Coordinadora del Agua* para auxiliar os moradores a buscarem sua voz, no total essa organização teve mais de 600 mil seguidores que compartilhavam de um único objetivo: expulsar a empresa *Águas de Tunari* acabando com o contrato do consórcio.

O líder da *Coordinadora del Agua*, Oscar oliveira, afirmava que o neoliberalismo é o culpado da má gestão hídrica na qual a Bolívia se encontrava, ele dizia que as transnacionais e o governo neoliberal tinham trazido danos a Bolívia e no final, as empresa Betchel foi responsabilizada pela situação crítica.

Do ponto de vista clássico das teorias de análise, pode-se vincular um nome representativo dos movimentos sociais, Alain Touraine (2004) o autor enfatiza as noções de conflitos, controle do sistema histórico e classes sociais. Touraine baseia-se na ideia de conflito de luta, movimento de oposição coletiva sendo conceito de classe social como princípio para uma transformação histórica social, que o coletivo organizado investe na tomada de controle no lugar preexistente.

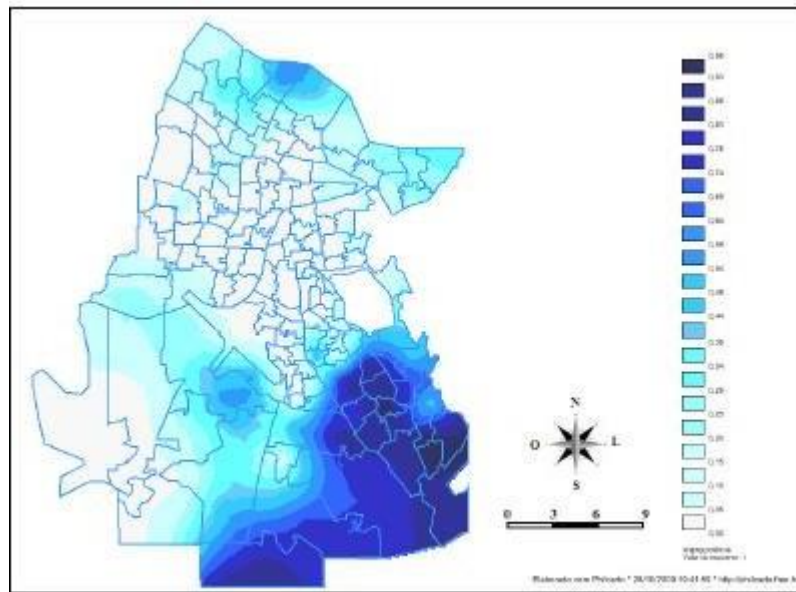
O povo resistiu nas ruas de janeiro até abril de 2000, foram meses tão violentos que poderiam facilmente ser comparados aos de uma ditadura, o governo respondeu violentamente as investidas da população, que sofreram ataques desproporcionais em termos de forças, porém isso não fez os moradores desistirem, em 20 de abril daquele ano a esperança nasceu, os protestos estavam no seu auge, a *Coordinadora* auxiliou o bloqueio de duas rodovias principais que davam acesso a cidade e o fechamento do aeroporto, além disso, foram construídas barricadas que bloqueavam as ruas da cidade (FREITAS e BORGES, 2018).

De acordo com Drumond (2015) uma negociação foi feita com o objetivo de revogar o contrato do consórcio, porém o governo de Hugo Banzer prende os membros da *Coordinadora* que faziam parte da negociação, isso causou mais revolta da população e mais confrontos com a polícia, o que resultou na morte do jovem Victor Hugo Daza. Depois do ocorrido, o prefeito de Cochabamba reúne uma coletiva de imprensa e decreta a revogação do contrato com as *Águas de Tunari*. Isso resultou na transferência da responsabilidade da gestão da água para a SEMAPA com supervisão dos cochabambinos, que acompanhavam todo o processo da água. A *Coordinadora* ficou conhecida como a maior porta voz do povo, que depois da guerra da água passou a lutar pelos seus interesses com muito mais força e determinação.

De acordo com Pfrimer (2009), pouco antes da Guerra da Água a SEMAPA encontrava-se com muitos problemas operacionais de distribuição, outra questão era o abastecimento ineficiente, pois 54% da água distribuída eram perdidas, o sistema de capacitação tinha capacidade de produzir 645 L/s enquanto isso produzia apenas 500 L/s para uma população na época de 517.024 pessoas, ofertando para cada habitante 68 L/dia uma quantidade muito insuficiente, e uma dívida de 30 milhões que impossibilitou de receber investimentos do Banco Mundial.

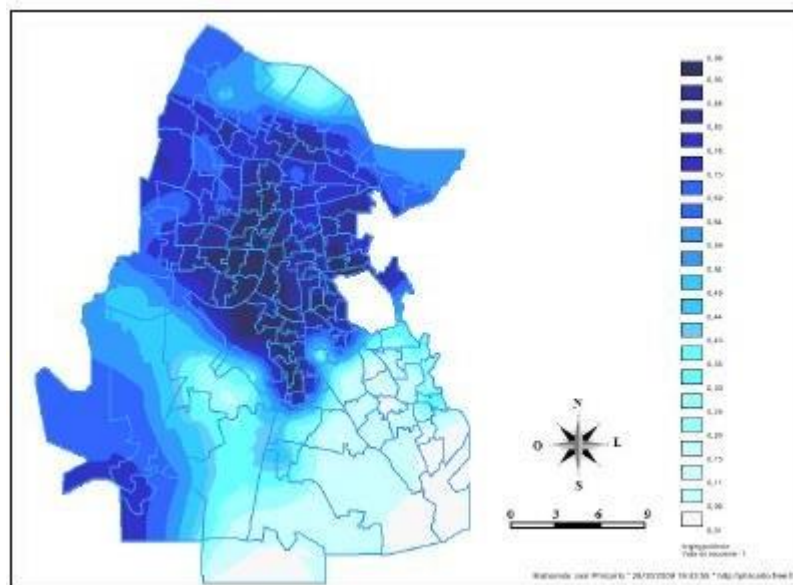
Devido a essa distribuição ineficiente da SEMAPA a região sul da cidade não era bem atendida com os serviços em 2001, enquanto o centro da cidade tinha uma organização mais eficiente por conta dos serviços básicos, fazendo com que boa parte das periferias da cidade tomasse providencias para suprir essa má distribuição, como a perfuração de poços, no entanto na zona sul da cidade a situação era ainda mais delicada, pois a posição geográfica não favorecia a perfuração de poços, era onde era feita a distribuição por meio de caminhões pipas e o armazenamento da água era em péssimas condições. No requisito enquanto a falta de esgoto muitas pessoas faziam suas necessidades ao ar livre, muitas vezes contaminando as águas subterrâneas.

Figura 1: Habitações abastecidas com água de caminhões pipa nos diferentes distritos do município da região metropolitana de Cochabamba em 2000.



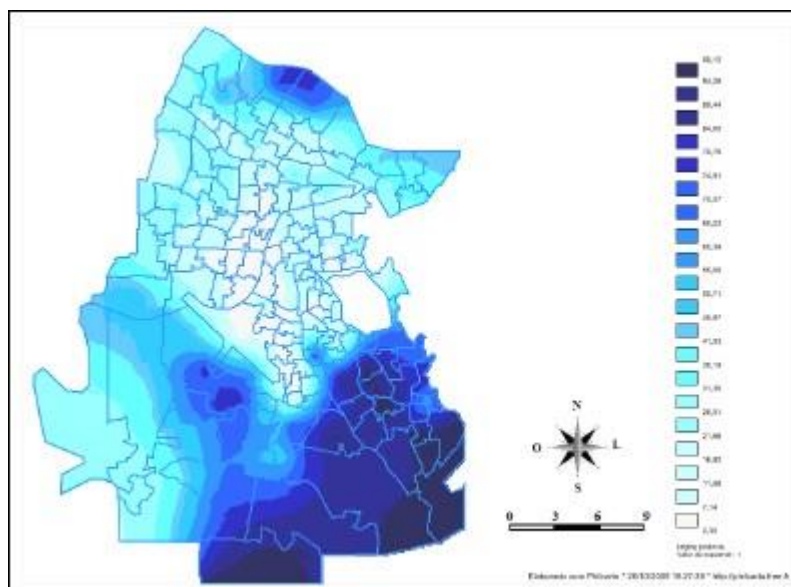
Fonte: Pfrimer (2009, p. 248).

Figura 2: Habitações abastecidas com água pela rede da SEMAPA nos diferentes distritos do município da região metropolitana de Cochabamba em 2000.



Fonte: Pfrimer (2009, p. 248).

Figura 5: Habitações não servidas pela rede de água da SEMAPA nos diferentes distritos do município da região metropolitana de Cochabamba em 2000.



Fonte: Pfrimer (2009, p. 251).

Por meio das figuras 1, 2, 3, 4 e 5, acima, percebe-se que a crise da água não foi apenas causada pelos fatores físicos, pois a falta de segurança e estrutura ali presente era evidente, a maior parte dos problemas está ligada a gestão dos recursos hídricos e o ordenamento territorial. É uma questão política, pois um bem vital retirado ali e bastante utilizado para manipulação de massas. A SEMAPA teve suas tarifas congeladas desde que a empresa estava em falência, e a politização da água produzia efeitos desastrosos para áreas mais pobres da cidade.

De acordo com Pfrimer (2009), a quantidade de água total captada era totalmente menor do que o previsto no projeto, a superfície irrigada também era mais reduzida, e em relação às tarifas ainda não se sabe ao certo o aumento certo, mas alguns autores consideram um aumento de 200% a 400%, algumas pessoas da *Coordinadora del Agua* menciona de 600% a 800% e um aumento ainda maior para os mais pobres. Para o autor, não se pode afirmar que à escassez absoluta da água foi o que causou a crise, mas sim a escassez criada por uma distribuição desigual com orientação política.

O IMPACTO DA GUERRA DA ÁGUA NAS MOBILIZAÇÕES SOCIAIS

No decorrer do estudo foi discutido ideias do sociólogo Manuel Castell (1972), em *A Questão Urbana* o processo gira em torno de uma transformação que modifica algo até ela se tornar outra coisa.

Se se considera que uma estrutura de poder é um conjunto de pessoas, entendemos que o jeito de encontrar diferentes pessoas comprometidas em diferentes projetos levam a conclusão de que existe uma estrutura pluralista de poder.

Segundo o mesmo, é visto que a estrutura de poder é vista como um conjunto de pessoas comprometidas em projetos que levam a conclusão desejada. A população se mostra interessada e a fim de mudar o sistema ali presente a partir da união. Essa iniciativa da população só ressalta que o poder de decisão vem integrando cada vez mais as pessoas que moram no país, e não somente o governo, isso foi importante em Cochabamba pois esse poder pluralista foi percebido com mais força durante a guerra da água, onde o governo se viu sem escolhas e teve que ouvir e garantir o desejo da população.

Tendo em vista os aspectos observados, pode-se notar que a crise e as dificuldades advindas dela, como a privatização da água, trouxeram a tona o lado nacionalista dos moradores, que eram contra uma empresa estrangeira explorando um recurso da Bolívia e tendo lucros enquanto os moradores nativos eram prejudicados e pagavam caro para ter acesso a sua própria água. É visto que o descontentamento da população com o modelo neoliberal antes citado agora é visto de forma aguda, onde as empresas começaram a lucrar com a exploração de recursos naturais da região de Cochabamba. Esse nacionalismo também foi defendido, como visto anteriormente, pelo líder da Coordenadora, Oscar Oliveira, que culpou o neoliberalismo, ou seja, a exploração por parte de empresas transnacionais o agravamento da crise na Bolívia (CAMARGO, 2006, p. 188).

Neste sentido, Romero (2007, p. 2) destaca que:

Diante dessa situação, a partir do ano 2000 essa população deu um BASTA às elites da oligarquia, ao saqueio das suas riquezas naturais, ao genocídio e à corrupção institucionalizada. Assim, emergiram os movimentos sociais, para que desde as ruas e estradas do país pudessem ouvir a sua voz e iniciar o caminho da articulação de novas alternativas inclusivas, soberanas e libertárias, na perspectiva da construção de um futuro com dignidade, trabalho e soberania nacional.

Em especial, os Indígenas tiveram seu levantamento, ou ressurgimento nos movimentos sociais a partir de 2000, onde vários movimentos foram feitos contra a segregação e a exclusão dos índios na Bolívia, que são população majoritária (62,2%), mas são privadas de recursos e desprovidas de poder. Essa luta se estende até os dias atuais, onde as mulheres indígenas lutam por sofrerem descaso e discriminação ao procurarem trabalhos. (ROMERO, 2007, p. 34).

A juventude de hoje é herdeira desse sentimento de luta e relevância na política, os jovens estudantes veem como obrigação a defesa do povo, por isso, é natural observar grupos estudantis em movimentos na cobrança de mudanças em políticas públicas e garantia dos direitos humanos, como a *Universidad Nacional Ecológica* UNE, faculdade de medicina na Bolívia.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A recuperação da SEMAPA (serviço de água que precedeu a empresa *Agua de Tunari*) só foi possível pela guerra da água, por isso, evidência a solução como continuções desses movimentos, para o maior controle social em assuntos públicos, além da busca de uma melhor qualidade de vida. Hoje, os cidadãos sabem o seu poder, e frequentemente estudantes e trabalhadores são foco das notícias na Bolívia, onde lutam por melhorias na educação e no trabalho, como também na segurança.

No estudo dirigido, foi discutida principalmente a questão do poder da população em situações de insatisfação política. A Guerra da Água foi o início para que a população de Cochabamba pudesse expandir com movimentos e paralisações atuais, pois é possível concluir a lição de que um bem tão vital como a água não pode ser mercantilizada, e a única maneira de tirar esse bem das mãos de organismo gananciosos é através dos movimentos sociais, onde todos se unem para conseguir o objetivo.

Revigorar a luta organizada com total clareza política sendo capaz de restaurar o presente da revolução em nosso continente. Trazer para a atualidade história e memória da luta social ocorrida durante um período histórico fruto da força da população.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BEATRIZ, Cíntia. **Teoria dos Movimentos Sociais**. Curitiba: InterSaberes, 2017.

CAMARGO, Alfredo José Cavalcanti Jordão de. **Bolívia: A Criação de um Novo País a Ascensão do Poder Político Autóctone das Civilizações pré-Colombianas a Evo Morales**. Brasília: FUNAG, 2006.

CARMO, Marcia. **Governador de oposição a Morales teme “banho de sangue” na Bolívia**. Disponível em:

https://www.bbc.com/portuguese/reporterbbc/story/2007/01/070116_cochabamba_dg.shtml.

Acesso em 06 de setembro de 2018.

DRUMMOND, Nathalie. *A guerra da água na Bolívia: a luta do movimento popular contra a privatização de um recurso natural*. **Revista Nera**, Ano 18, n.º. 28, Dossiê 2015, ISSN: 1806- 6755.

ECODEBATE. **Cochabamba**: Guerra da Água completa 10 anos. Disponível em:

FOLHA DE SÃO PAULO. **Cochabamba faz greve contra corte orçamentário**. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/fsp/mundo/ft1905200707.htm>. Acesso em 06 de setembro de 2018.

FREITAS, Luna; BORGES, Júlia. **O direito à água conquistada por meio da luta**:

Guerrada água em Cochabamba. Disponível em:

<http://aninter.com.br/Anais%20CONINTER%203/GT%2009/13.%20BORGES%20FREITAS>

[.pdf](#). Acesso em 10 de setembro de 2018.

GALLANO, Henry. La Situación actual de los movimientos sociales urbanos. Autonomía, Pluralidad y territorialización múltipleo.2010

YOUTUBE. **La Guerra Del Agua**. Disponível em:

<https://www.youtube.com/watch?v=Of3K5H3U83k>. Acesso em 05 de setembro de 2018.

JM NOTÍCIA. **Consulado em Cochabamba pede a brasileiros que não participem de manifestações**. Disponível em: <https://www.jmnoticia.com.br/2018/01/17/consulado-em-cochabamba-pede-brasileiros-que-nao-participem-de-manifestacoes/>.

Acesso em 06 de setembro de 2018.

MALFATTI, Selvino Antonio. Os Movimentos Sociais em Alain Touraine. Disponível em:

https://www.ufsj.edu.br/portal2-repositorio/File/revistaestudosfilosoficos/art13_rev6.pdf.

Acesso em Acesso em 10 de setembro de 2018.

PFRIMER, Matheus Hoffmann. **A Guerra da Água em Cochabamba, Bolívia**: desmistificando os conflitos por água à luz da geopolítica. Tese de doutorado. USP-Faculdade de Filosofia Letras e Ciências Humanas (Departamento de Geografia). São Paulo, 2009.

ROMERO, Carlos Cortez. *Movimentos sociais da Bolívia*. **Revista de Educação Pública**, Cuiabá/MT, v. 16, n. 31, p. 29-47, maio-ago. 2007.

SANTOS, Tânia Maria dos. **O sujeito nos movimentos sociais: algumas contribuições de Alain Toraine e Immanuel Kant**. Disponível em:

<http://www.publicadireito.com.br/artigos/?cod=1b8df7db8a335c90>. Acesso em 10 de setembro de 2018.

TRASPADINI, Roberta. **As lutas sociais da América Latina nas encruzilhadas do neoliberalismo**. Disponível em: <https://diplomatique.org.br/as-lutas-sociais-da-america-latina-nas-encruzilhadas-do-neoliberalismo/>.

Acesso em 07 de setembro de 2018.